

WLADIMIR OLIVIER

SONETISTAS ANÔNIMOS

ESPÍRITOS DIVERSOS

## ÍNDICE

1. Destemido e ousado .....	
2. Pureza latente .....	
3. Meu canteiro de rosas .....	
4. Sem nenhuma caloria .....	
5. Artes do demônio .....	
6. Emagrecendo o texto .....	
7. Carnificina .....	
8. Recado de amor .....	
9. A linha do horizonte .....	
10. Aflição inoportuna .....	
11. Despertar para as dúvidas .....	
12. Malferido coração .....	
13. Nós, os pecadores... ..	
14. A arrecadação .....	
15. Pedindo socorro .....	
16. Azedo e embolorado .....	
17. Falência por insolvência .....	
18. Conhece-te a ti mesmo .....	
19. Sem perdão .....	
20. Noctívago .....	
21. Na corda bamba .....	
22. Notícias do etéreo .....	
23. Com o dedo no gatilho .....	
24. Planeta imóvel .....	
25. O caminho das pedras .....	
26. Jesus triunfa! .....	
27. Ácido retrato .....	
28. Divagando aqui no etéreo .....	
29. Aquisições no setor plástico .....	
30. Pesquisando o <i>ego</i> .....	
31. Costurando a aproximação .....	
32. Operação poesia .....	
33. Saída em grande estilo .....	
34. Decepcionado .....	
35. Candidato certo .....	
36. Destemido e franco .....	
37. O casaco de couro .....	
38. Reavivando o presente .....	
39. Querendo progredir .....	

40. A natureza espiritual .....
41. Atinjo o infinito .....
42. Sinos de festa .....
43. O vinco das calças .....
44. Um caso mui sério .....
45. Corolários da dor .....
46. Na retaguarda .....
47. Conviver fraternalmente .....
48. Ouropéis .....
49. Sem tensão .....
50. A salvação .....
51. Boa disposição .....
52. Lágrimas .....
53. Saída pela tangente .....
54. Sem luz mas saudável .....
55. Atirei no que vi... ..
56. O contador de histórias .....
57. Sem sofrimento não se vive .....
58. O bem .....
59. Danadinho... ..
60. Regime espiritual .....
61. Preciso... ..
62. Lindo, lindo, lindo... ..
63. A morte da pombinha .....
64. De última hora .....
65. Com conhecimento de causa .....
66. Obtendo alvará de poeta .....
67. Voo rasante .....
68. A ave-do-paraíso .....
69. Frases .....
70. À espera de um milagre .....
71. À sombra dos bons .....
72. Formalismo poético .....
73. Não espere demais .....
74. A poder de memória .....
75. Deteriorado pelo uso .....
76. Cascavel .....
77. Profícuo e circunspecto .....
78. Angelical .....
79. Superficial e complexo .....
80. Jubiloso, exultante... ..
81. Acendrado amor .....
82. O maior prêmio .....
83. A armadilha .....

84. Babalorixá .....
85. Uma súplica simplória .....
86. Fidelíssimo .....
87. Hagiolatria condenável .....
88. Persuasivo até certo ponto .....
89. Refinamento vocabular .....
90. Não me sinto esquecido .....
91. Sons que se repetem .....
92. Trabalho de fôlego .....
93. Firmeza e estabilidade .....
94. Adepto da verdade .....
95. Razões para crescer .....
96. O pó do caminho .....
97. Significado e poesia .....
98. Flagrante desrespeito .....
99. Força moral .....
100. Oferta pessoal .....
101. Em forma de parábola .....
102. Sentimento do belo .....
103. Faculdades e retórica .....
104. Lucros incessantes .....
105. O alfarrábio .....
106. Espantando o Belzebu .....
107. Nem simples nem direto .....
108. Falando mal da vida alheia .....
109. A candeia .....
110. Meu senso crítico .....
111. Consagrado ao amor .....
112. Receitas e despesas .....
113. Negócio fechado .....
114. Água de beber .....
115. O sol da verdade .....
116. Otimismo sob controle .....
117. A natureza .....
118. Arrebatado pelas ideias .....
119. Vertentes da fé .....
120. Concórdia .....

## 1. Destemido e ousado

Não quero asseverar que sou poeta,  
Mas devo afiançar que estou tentando.  
Alguém há de dizer: — *Mas até quando  
Iremos ter de ouvir este pateta?...*

É claro que meu público comando  
Por meio desta rima que acarreta  
Alguma reflexão que sempre veta  
As falsas diretrizes do meu bando.

Mas vou fazendo força e dando duro  
Para tornar o verso algo mais puro,  
Polindo e castigando o pobre estilo.

Talvez consiga, um dia, algo formoso  
Que dê ao bom leitor e a mim um gozo  
Estético e moral, sem qualquer grilo.

19.11.01.

## 2. Pureza latente

Meu ânimo se eleva quando cunho  
Um verso mais formoso, mais bacana,  
Mas logo o pensamento se embanana,  
Se o termo que ditei vem no rascunho.

É claro que este exemplo só engalana  
A trova que demonstra o testemunho  
De quem quer escrever de próprio punho,  
Mas pede que corrijam se se engana.

Divirto-me assim mesmo e já componho  
A estrofe que me alerta para o sonho  
De vate mui frustrado e quase azedo.

E logo presencio o meu tormento  
Ao ver que a brincadeira que apresento  
A nada vai levar, pois tenho medo.

### 3. Meu canteiro de rosas

Aspiro livremente o bom perfume  
Dos feitos que relato na poesia.  
Se fossem mui perversos, não traria  
À vista do leitor que a luz presume.

Espero que meu riso de alegria  
Não seja transformado no negrume  
Irreverente e tolo do azedume  
De quem deseja amar sem parceria.

Enfronho-me em minh'alma e logo nego  
Que esteja cultivando as belas rosas,  
Porque para os deveres estou cego.

Inverto a diretriz destes meus temas,  
Achando as rudes flores horrorosas.  
Oh! Quanto eu quero abrir estas algemas!...

#### 4. Sem nenhuma caloria

Ao ler o meu poema, tenha em mente  
Que só contém amor e vitamina.  
É claro que esta tese conjumina  
A vida cá no além e um bem latente.

Não quero esmiuçar toda a doutrina,  
Bastando para mim estar presente  
A vibração augusta que se sente,  
Ao revelar o quanto aqui se ensina.

Por isso o desmazelo do meu verso,  
Que traz um tom amargo, vil, perverso,  
Ao lado de lições de alguma luz.

Ocorre que a tristeza se desfaz  
Ao ver o gajo que já existe paz  
Tão só por mencionar Cristo Jesus.



## 5. Artes do demônio

Esfrego o meu nariz por toda a parte  
Em busca dos matizes mais diversos.  
Encontro as escansões dos tons imersos  
Em todas as virtudes de tal arte.

É claro que pretendo que se enfarte  
De luzes e de cores, nestes versos,  
A rima felicíssima, pois tersos  
São os ricos ardis, modéstia à parte.

Não posso repreender quem não aceite  
A trova que redijo tão bisonho;  
Nem todos vão sentir aqui deleite.

Por isso, eu perco tempo, mas disponho  
Os brincos da poesia como enfeite,  
Enquanto a perfeição mora em meu sonho.

## 6. Emagrecendo o texto

Estou notando que esta rima é pobre  
E meu poema sempre sai torcido.  
Talvez devesse dar melhor ouvido  
Ao mestre, que me diz que não me cobre.

Bem longe, num passado hoje esquecido  
Dos homens que me pedem que redobre  
Os vãos esforços, embora não soçobre,  
Compus poesias simples, comovido.

Agora o sentimento dá lugar  
A quanta ideia nobre se apresente,  
Meditação constante e devagar.

Ocorre que é preciso que se sente  
O meu caro leitor, no próprio lar,  
Examinando a vida mais consciente.

## 7. Carnificina

Tão longe da poesia, este meu tema  
Exige que me esforce além da rima.  
Será que hoje terei a tua estima,  
Se demonstrar vigor no mal que extrema?

Aqui onde aportei muito me anima  
O fato de escandir sem ter problema.  
O duro é me obrigar a ver que rema  
Contra a corrente o gajo que vindima.

Ser responsável, sim, é o que requer  
O mestre que me assiste com amor,  
Dizendo-me que faça o que quiser,

Mas restringindo às normas do compor  
O pensamento sério, onde estiver  
A tal grandeza justa do labor.

## 8. Recado de amor

Descuido dos problemas que me afligem,  
Para pensar nos temas dos meus versos.  
Houvesse de varar os universos,  
Talvez tivesse medo de fuligem.

Mas trago os meus poemas bem imersos  
Nas dúvidas atrozes da vertigem,  
Que os dramas da existência sempre exigem  
Que se esclareça a dor, posto perversos.

Então, não me atribulo se não tenho  
Facilidade e luz para o compor,  
Pois sei que alguém irá franzir o cenho,

Por mais que seja a tese superior:  
A compreensão se dá se o desempenho  
Está na mesma altura do leitor.

## 9. A linha do horizonte

Navego pelas águas turbulentas,  
Mas vejo que o perfil d'altas montanhas  
Projeta neste mar sombras estranhas  
Que lembram como as coisas andam lentas.

Pergunta o companheiro: — *Como inventas  
Os textos com tais rimas, se as patranhas  
Não podem aqui constar, pois arrebanhas  
Prosélitos sem metas, que atormentas?*

É claro que não penso ser mentor  
De quem não tem sossego nessa vida.  
Eu quero simplesmente aqui compor,

Conforme estou sofrendo a minha lida,  
Um verso só que seja superior,  
Pois sei que a luz do amor jamais se olvida.

## 10. Aflição inoportuna

Não posso compreender por que foi rude  
O efeito da partida para o além:  
Se tinha lá consciência desse bem,  
Não soube controlar minha atitude.

Cheguei aqui de volta em dor também,  
Por ter deixado lá quem não se elude  
Das armadilhas torpes que a virtude  
Ajuda a evitar, por dom de alguém.

Porém, tempos depois, eu vi Jesus  
A contemplar os bons pelo evangelho,  
Que os cegos e os perversos não conduz,

Enquanto se mantêm em tormento.  
Cheguei à conclusão, depois de velho,  
Ao refletir na luz em que me oriento.

## 11. Despertar para as dúvidas

Acerto ao descrever minha vaidade,  
Pois trago aqui comigo o sentimento  
De haver pregado sempre grande aumento  
Da luz do amor que jorra e que me invade.

Aviso ao bom leitor que estou sedento  
Da glória destes versos, sem maldade,  
Pois acho que a poesia persuade  
A despertar os medos, sem tormento.

Não quero seja fácil a vitória,  
Nem penso que será como esta rima,  
Que vai perder-se à sombra enfim da história.

Também devo supor que a pantomima  
Dos sentimentos dúbios da oratória  
Conserve aqui p'ra sempre nobre estima.

## 12. Malferido coração

Não posso aqui dizer que estou sofrendo,  
Que a festa cá no etéreo é permanente;  
Mas trago o coração impenitente,  
Pois meu passado é triste, vil, horrendo.

Aos poucos, vou soltando a minha mente  
De todas as algemas e aqui rendo  
Um preito agradecido, que o remendo  
Parece ser melhor, caso acrescente.

É nos tercetos que este povo adora  
Elaborar a rima mais sagaz,  
Ao perceber que logo irá embora...

Assim, para que eu faça jus à paz,  
Eu peço a bênção a Jesus agora,  
Enquanto o tosco verso se perfaz.



### 13. Nós, os pecadores...

Preciso relatar um caso triste,  
Contudo, eu me envergonho e me recolho:  
O dom deste soneto está de molho  
E fico a imaginar se o bem existe.

O mestre, que me anima, está de olho  
E, quando eu arrefeço, é quem insiste  
Em que devo forçar, compondo um chiste,  
Para dar-me uma folga desse escolho.

Mas, quando chega a vez de vir ditar,  
Sabendo que serei o responsável  
Por manter a virtude no lugar,

Medito em algo sério, bom, saudável,  
Que dê ao meu leitor um bem-estar  
Por não perder seu tempo, em sendo amável.

## 14. A arrecadação

Não tenho peias para a língua solta,  
Mas, na poesia, obrigo-me a sustar  
O verbo desairoso, junto ao lar  
De quem possui a alma em paz envolta.

Por isso não componho devagar,  
Fazendo do rascunho obra revolta,  
Pois sei a minha rima já absoluta,  
Embora não expresse o meu penar.

Carrego nestas cores mas sem brilho,  
Mostrando que a cabeça traça o trilho  
Que o corpo também tem de percorrer.

Sagaz, o meu leitor mais comovido  
Irá rogar por luz, mas eu duvido  
Que o lucro seja meu por seu poder.

## 15. Pedindo socorro

Não posso afiançar que estou perdido,  
Mas devo esclarecer que hoje me ausento  
Do meu passado triste e do momento  
Em que deixei p'ra trás o mal vivido.

Ocorre que feliz não me apresento:  
Apenas tenho fé, porquanto lido  
Com algo manifesto e, comovido,  
Proponho ao meu irmão um novo alento.

Falece-me a esperança de obra-prima,  
Pois tudo resumi de forma bronca.  
No entanto, a caridade já me anima,

Pois sei que o meu amigo aqui destronca  
O rude do poema e vê que a estima  
Está por trás de tudo... e poupa a bronca!

## 16. Azedo e embolorado

Permito-me enfrentar este labor,  
Sabendo ser difícil de criar  
Um texto superior, algo exemplar,  
Que siga as normas todas do compor.

*— É simples, diz meu mestre, o bem-estar  
Que sente o vate aqui, com muito amor,  
Desfaz tal azedume e o vil bolor,  
Que o tédio do marasmo faz brotar.*

*Aplique-se na forma, que seu tema  
Irá surgir esplêndido na rima,  
Sem que ao seu texto dê razão suprema.*

*O povo que nos lê e nos estima  
Não quer a perfeição e não se extrema  
Em crítica feroz, mas nos anima.*

## 17. Falência por insolvência

Agrada-me escrever de forma livre,  
Por isso é que me arrisco nesta rima.  
Eu sei que é bem difícil, mas me anima  
A ideia de mostrar meu *savoir-vivre*...

Alguém que me anuncia forte estima  
Procura auxiliar p'ra que *delivre*  
Os versos, mas se encontra em deus-me-livre  
A solução final desta obra-prima.

Que tem de ver o texto que componho,  
Se as teses da doutrina não assento  
Em bases da moral, pois sou bisonho?!...

É claro que este terno sentimento,  
Ainda que me ocorra como em sonho,  
É tudo quanto tenho no momento.

## 18. Conhece-te a ti mesmo

Famoso, o tal conselho me atormenta,  
Pois mudo o visual a cada hora.  
Se hoje estou mais sóbrio é que vigora  
A força do mentor, que o bem sustenta.

Mas tudo quanto penso aqui demora  
Para formar a rima que apresenta  
O sentimento d'alma que acalenta  
A fé na caridade lá de fora.

Ocorre que tal susto me atropela,  
Por não compor aqui o melhor verso  
E fico na penúria da mazela,

Pensando se este dom não é perverso,  
Pois monto esta estrutura jamais bela,  
Querendo seja lida no universo.

## 19. Sem perdão

Empenho-me na lida desta rima,  
Reproduzindo aqui versos tacanhos,  
No entanto, meus defeitos são tamanhos  
Que exijo do mentor matéria-prima.

O pobre desfalece, pois estranhos  
São os meus dons e minha pantomima,  
Mas, quando vê a prova, já se anima,  
Que o resultado é bom, com fortes ganhos.

Ajuda-me esta turma que me assiste,  
Trazendo algumas rimas mais formosas,  
Pois sei que a graça é pouca mas resiste

Às cócegas que faço: — *Por que gozas,  
Ó coração malvado, sempre triste,  
Com poucas e perversas, simples glosas?!...*

## 20. Noctívago

Proponho-me a rimar com perfeição,  
O verso aqui, porém, já não se ajeita:  
O termo que aparece o povo aceita  
Mas sabe que não cabe no refrão.

O som é duro e teso; a forma eleita  
Não segue os bons padrões desta escansão,  
Nem surge nas palavras a razão  
De vir p'ra sanear minha suspeita.

Agora que mantenho o verbo aceso,  
No instante de ditar esta poesia,  
Carrego em minhas costas grande peso,

Pensando em que um poeta comporia,  
*Com arte e com engenho<sup>1</sup>*, algo coeso,  
Para nos dar mais luz, paz e harmonia.

---

<sup>1</sup> Lemos em *Os Lusíadas*, de Camões, canto primeiro, segunda oitava:  
...Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.



## 21. Na corda bamba

Arrisco-me a compor um novo verso,  
Sabendo ser preciso descrever  
O sentimento puro do dever,  
Para tornar o bem incontroverso.

Porém, logo duvido do poder  
Que tenho em mim, um ser muito perverso,  
Que quer as glórias todas do universo,  
Sem dar aos semelhantes bem-querer.

Assim, já se estrutura a pobre trova  
Eivada de defeitos, quase informe,  
Com rimas recorrentes como prova

De que me pauto sempre pelo mal,  
Sabendo que meu mestre nunca dorme  
E que meu bom leitor tem cabedal...

## 22. Notícias do etéreo

Eu vejo todo dia que os mortais  
Desejam novidades deste lado,  
No entanto, quanto leio, desolado,  
Evito transmitir-lhes algo mais.

Ocorre que o sistema utilizado  
Não favorece muito estes jornais,  
Porquanto estou ligado aos bens morais,  
Nos temas que nos dão ou arrecado.

Assim, posso mostrar que estou melhor,  
Que tenho as leis de Deus aqui de cor,  
De forma equilibrada e bem sincera.

O gozo material pelas notícias  
Há de ficar de lado, que as delícias  
São diferentes cá na nossa esfera.

## 23. Com o dedo no gatilho

Repouso merecido é o que me espera  
Depois de vir ditar terrível trova:  
Em tudo que apresento se renova  
A visão do leitor quanto a esta esfera.

Às vezes, vai pensar que, após a cova,  
Instala-se o temor da besta fera,  
Que o medo, quando é forte, logo gera  
A correria estulta como prova.

Aqui, porém, os versos me dão paz,  
Que as costas folgam quando o açoite sobe  
E todo compromisso se refaz,

Se o bem que reproduz a rima esnobe  
Eu incorpore ao sonho meu voraz  
De passear à noite envolto em robe...

## 24. Planeta imóvel

Não vou menosprezar o sal da terra,  
Pois me tempera a vida quando penso  
Que estou neste lugar bem menos denso  
Porque lá sofri muito... e o verso emperra...

Em lágrimas, descubro que meu senso  
Está mais desenvolvido e já não erra,  
Ao vir conceituar o bem da guerra  
Que luto contra o mal e que já venço.

É claro que a poesia é só um fruto  
Que colho nesta tarde quando em folga,  
Peregrinando alegre enquanto escuto

Os rumorejos d'alma, que se amolga  
À luz deste ambiente, quase em luto,  
Que a dor já não me atrai, já não me empolga.

## 25. O caminho das pedras

Não posso acreditar-me aqui de novo  
Para enfrentar a luz de quem me lê;  
Então peço que atente p'ro porquê  
Deste arrepio que arrasta e não me movo.

Bem sei que vou pedir para você  
A prece mais sentida, que o corcovo  
Da rima vai lançar-me junto ao povo,  
A festejar a glória em *miserê*.

Ao Pai, que sempre escuta a triste cisma,  
E que abençoa o vate com amor,  
Eu volto o pensamento que se abisma

Em penas colossais, tremenda dor,  
De quem só fez o mal e que sofisma,  
Pensando que se salva ao vir compor...

## 26. Jesus triunfa!

Na busca por mais paz, por mais amor,  
Senti-me muito preso à melhor rima.  
Não quero aqui perder a tua estima,  
Por isso é que burilo o meu compor.

Mas como desfazer a trova acima  
Que revelou ao mundo a minha dor?  
Pedindo por paciência a ti, leitor,  
Que todo o mal que trago se sublima.

Então, vou caprichar nestes tercetos,  
Sabendo que o meu verso só traduz  
Os sentimentos torpes, vis e pretos,

Que acabam de expulsar a tua luz,  
Que iluminar não podes estes guetos  
Em que triunfa só Cristo Jesus!...

## 27. Ácido retrato

Aturo-me tão só ao montar versos,  
Pois desafio as rimas com vigor.  
Eu sei que nada faço superior,  
Mas sei também que poucos são perversos.

Quem sabe, se deixasse de compor,  
Vagando pelos dons incontroversos,  
Sentisse florescer nos universos  
Os bens que recomponho com amor.

Mas tolo, pobre, tonto, vil, inútil,  
O texto repercute dentro d'alma,  
Enquanto quero a túnica inconsútil,

A que Jesus levava sobre os ombros,  
Enlevo da virtude que me acalma,  
Embora aqui retrate só assombros...

## 28. Divagando aqui no etéreo

Não sinto os meus poemas imperfeitos.  
Talvez tenha noção tão só das falhas,  
Pois tu, meu coração, muito atrapalhas  
Reconhecer dos versos os eleitos.

Recolho dos meus sons as vis farfalhas  
Que trazem sentimentos não aceitos,  
Que os tons e semitons dos preconceitos  
Merecem ser levados em mortalhas.

No entanto, essas tais rimas que componho  
Ressoam, nos ouvidos, agradáveis,  
Levando-me nas asas do meu sonho,

Fugindo dessa forma aos predicáveis<sup>2</sup>,  
O que resulta em texto tão bisonho  
Que peço aos bons amigos: — *Sede amáveis!*...

---

<sup>2</sup> Predicáveis. S. m. pl. Lóg. Segundo Aristóteles, os modos como as palavras se referem aos objetos e que são: a definição, o próprio, o gênero e o acidente.



## 29. Aquisições no setor plástico

Não nego que meu verso tem seus quês  
Que dão ao pensamento formosura.  
Não é que a forma seja toda pura;  
Ocorre que hoje vibro em português.

Assim, o meu ditado se estrutura  
Segundo as normas cultas e já me lê,  
Ó douto e bom Amigo, sem porquês,  
Que as leis eu cumpro aqui d'alma segura.

Não sei se a informação causa respeito,  
Se a tese se desfaz pelo caminho,  
Se tudo o que componho tem efeito.

Contudo, sempre prezo e louvaminho  
O meu final feliz, num texto eleito,  
Que a chave d'ouro é p'ra evitar beicinho...

### 30. Pesquisando o *ego*

Parece-lhe que irei expor minh'alma?  
Pois simplesmente dou uma só *dica*:  
Quem muito se atrapalha aqui claudica  
E perde o bom humor e não se acalma.

Quem tem por compromisso (e não critica)  
Mostrar que o bem do amor logo se espalma  
Nos corações dos bons também ensalma  
A trova que peleja p'ra ser rica.

Aos poucos, vou mostrando como estou,  
Pondo-me a revelar nas entrelinhas,  
Querendo dar ao povo um lindo *show*.

Como, porém, as rimas não são minhas,  
As ofereço ao povo que adotou  
O dom da luz tratando nas palminhas...

### 31. Costurando a aproximação

Sagaz, o nosso médium se prepara  
Sem ceticismo mas com muito medo  
De ver que alguém lhe aponte um grave dedo,  
Julgando descobrir a gema e a clara.

No entanto, quando chego muito cedo  
E encontro o meu lugar, ninguém separa  
A tese que me move; e o verso vara,  
A demonstrar que posso e que não cedo.

Se tu, perverso amigo que me escutas,  
Não deres atenção a quanto digo,  
Vais ver que irás perder algumas lutas,

Pois quem de bem está hoje contigo  
Talvez te sobre que se dão corrutas  
As rimas que disponho quando brigo...

## 32. Operação poesia

Nem sempre, quando escrevo estes poemas,  
Os versos só traduzem sentimento.  
Quisera elaborar com mais tormento,  
P'ra revelar as falhas e os problemas.

O tópico moral, quando acrescento  
Ideias pessoais e vis dilemas,  
Empacam nesta rima e tu me algemas,  
Ó coração de ferro, ao sofrimento.

Mas venço pouco a pouco cada pena,  
Levando para frente o mau soneto,  
Enquanto a turma toda se asserena,

Diante desta calma que prometo  
Levar até o fim, pois é pequena  
A luta no papel pelo terceto...

### 33. Saída em grande estilo

O verso derradeiro que componho  
Irá mostrar, por certo, grande estilo.  
Não há de ser agora, pois asilo  
Males no coração e sou bisonho.

A fera que transita e que aniquilo  
Um pouco aqui por vez, em meio ao sonho  
De efetivar a trova que hoje ponho  
Sob o teu olhar, ruge em meu cochilo.

Não faço por maldade nem careço  
Vencer a dor nos versos da jornada,  
Mas tudo tem um fim se tem começo.

Por isso o coração já não se aflige  
Pois tudo quanto sofro não é nada  
Que a luz do Salvador não cure e alije...

## 34. Decepcionado

Acreditei que havia terminado  
O ciclo das mensagens e dos versos  
Mas como foram vis, ruins perversos,  
Estou voltando ao metro em meu recado.

Corri, imaginando os universos  
Com muitas alegrias, sem cuidado,  
Mas tenho de estudar e sem enfado,  
Para me ver expondo os bens imersos.

Por isso é que me esforço nesta rima,  
Sem alcançar, é claro, seja prima  
A obra que ofereço ao povo humano.

Os que pelejam junto cá no etéreo  
Bem sabem que o labor é muito sério  
E dão-me os seus conselhos, se me engano...

### 35. Candidato certo

Eu não pretendo agir aqui sozinho,  
Mas tenho a minha história p'ra contar.  
Talvez seja mui curto este penar,  
Talvez mantenha o mal de ser mesquinho.

No caso de compor algo exemplar,  
Terei por sorte o bem de ter padrinho  
Que leve quanto sou, quanto escrevinho  
Aos termos do encarnado, neste lar?...

Assim que refrescar minha memória,  
Terei também por certa a fé notória  
Que deposito em mim quando estou só?

Não sei se aguentarei meu infortúnio,  
Distante do sol forte ou plenilúnio,  
Que a luz não me clareia em meio ao pó...

### 36. Destemido e franco

Não valho uma só letra escrita aqui  
Mas trago mesmo assim o meu recado.  
Estou a demonstrar que deste lado  
Também vai ter valor quem crê em si.

Por isso é que me alegro e não me enfado,  
Se vejo que a poesia pinga o *i*  
E dá mais força ao gajo que sorri,  
Sem lamentar a dor que aqui translado.

O termo mais certo e temeroso  
Vai dar-me o bom sentido desse gozo  
Que vem desta vitória sobre o pobre.

Quanta riqueza exulta a minha rima,  
Se o texto se traduz na tua estima,  
Ó meu caro leitor, augusto e nobre!



### 37. O casaco de couro

O frio que não sentia em minha pele  
Passou-me pela espinha, certo dia.  
Queria proteger-me e não sabia  
Que um ser foi desprovido, fraco, imbele.

Notei que o compromisso, todavia,  
De me manter mui cômico já me impele  
A refletir voraz que o crime dele  
Toda intenção de amor e de poesia.

As vibrações de dor eram só minhas,  
Pois vi como são pobres, são mesquinhas,  
As reações do corpo que resguardo.

Se para mim o bem era fugaz,  
Ao animal não trouxe qualquer paz  
O mal que lhe causei, p'ra meu retardo...

### 38. Reavivando o presente

Não posso condenar o meu passado  
Mas tenho que viver o meu presente.  
Por certo o meu leitor hoje presente  
Que o mal de antigamente gera o fado.

Mas eu quero vencer, embora tente  
Deixar os sofrimentos já de lado,  
A desfilar os fatos sem agrado,  
O que me força a pôr-me descontente.

Viver este momento aqui, portanto,  
É como reviver a vida inteira,  
Somando sem cessar sorriso e pranto.

Se tudo vem de novo, inda que queira  
O gajo reavivar o fogo santo,  
É bom utilizar voraz peneira...

### 39. Querendo progredir

Ativo e diligente, me ofereço  
Para compor uns versos, nesta hora.  
Cansei de ver que o povo todo chora  
Ao ler que de tais *males* não padeço.

É certo que meu tipo se deplora,  
Ninguém pedindo aqui meu endereço.  
Eu mesmo já não sei por que me esqueço  
De sustentar virtudes, muito embora...

Mas devo superar tantas mazelas,  
Que o risco de mostrar algumas delas  
Me enche de temor e de respeito.

Ao meu leitor amigo, eu peço a prece  
Que nunca me negou, quando oferece  
A Deus seu compromisso sempre aceito.

## 40. A natureza espiritual

Socorro-me dos textos dos amigos  
Que bem melhor que eu já discorreram.  
Transformo em vil poesia o que escreveram,  
Querendo atualizar feitos antigos.

Eu sei que já perdi os que morreram  
E não deixaram versos nem artigos,  
Concentrando-se assim em seus umbigos,  
Que o mal é não doar aos que nasceram.

Pois faço esta poesia e dou de mim  
O máximo que posso por agora,  
A caprichar na rima cá no fim.

Por certo o tema-título demora  
Por ter este poeta por ruim  
A ideia natural que joguei fora...

## 41. Atinjo o infinito

Atinjo o infinito mas não sei  
Se existe aqui limite para a trova.  
O homem que trabalha sente nova  
Aspiração e amor, se entende a lei.

Estou a revirar-me em minha cova.  
Se em trono aqui estiver, como estarei,  
Também irei sentir o mal do rei.  
E assim seria o mesmo em grossa sova.

Atino com as falhas, mas componho  
O texto aos seus princípios duma vez,  
Porque mais vale a rima do que o sonho...

Agora que compreendo o que se fez  
Da minha hesitação de ser bisonho,  
Respiro aliviado e já freguês...

## 42. Sinos de festa

Alegro-me bastante, se a poesia  
Termina com a prece que imagino.  
Assim, faço este esforço pequenino,  
Perante o teu amor e companhia.

Quem lê e se desperta para o hino  
Que escondem as palavras deste dia  
Aprende a soletrar, com nostalgia,  
As vozes da emoção que dissemino.

As vibrações sonoras trazem paz,  
Se reconheço o tema e se refaz  
Minha esperança em Deus e sua bênção.

Viver tão esquecido da virtude,  
Querendo que este bem mais se amiúde,  
Irá forçar os dons, para que vençam...

### 43. O vinco das calças

Importa-me saber qual importância  
Terá para um mendigo aquele vinco.  
Aqui também me alegre e sempre brinco  
Com as ideias parvas da elegância.

Expus o pensamento a mais de cinco,  
Nenhum quis discordar, mas a ganância  
De estar o vate certo deu-me a ânsia  
De tudo pôr na trova com afinco.

O resultado é este que está vendo  
Aquele que se atreve a vir comigo,  
A desejar, embora, algum remendo,

Porquanto a rima exige um bom castigo,  
Ideia que hoje aprovo e referendo,  
Mas quanto o que disponho é o que consigo...

#### 44. Um caso mui sério

Não posso concordar que seja sério  
O tema que me traz tão ocupado:  
Não só estou mui fraco e com enfado,  
Como também não sei pôr-lhe mistério.

A vida transcorreu-me mui de agrado  
E a morte surpreendeu-me mui aéreo:  
O dia estava claro e o refrigerio  
Da luz que me extasiava hoje traslado.

Então, como alegrar-me a penitência  
De ver estes maus versos que componho  
Azucrinarem tanto a minha ausência,

Nos anos que servi, como num sonho,  
Aos males deste mundo, sem ciência,  
Perverso mais ainda, vil, bisonho?...



## 45. Corolários da dor

Não sinto mui profundo o meu pesar  
Por ter chegado aqui recentemente,  
Pois trago dessa vida bem presente  
Todo o conforto alegre do meu lar.

Eu sei que lá mais sofre algum parente  
Que tem saudade agora e vai chorar,  
Se acaso esta notícia lhe chegar,  
Embora esteja o texto transparente.

Ocorre que não trago o compromisso  
De dar o meu aviso como em drama  
De desespero e dor, pois o meu viço

Se põe por sobre a esfera que se aclama  
Como de perenal horror; e atijo  
Os cães da incompreensão a quem não ama.

## 46. Na retaguarda

Soluço permanente em minha rima,  
Esqueço quando estou desanimado  
E venho registrar algum enfado,  
Sem medo de perder a tua estima.

Por isso é que redijo com agrado,  
E dou como sabida a estrada acima,  
Pois todos vão saber quanto se anima  
O gajo que perfaz este quadrado.

Agora que o terceto se apresenta,  
Exijo mais cuidado do meu médium,  
Que sofre, ao perceber que não se aguenta

O vate que precisa de remédio,  
Não só para esta estrofe que arreventa,  
Também para o remendo do meu tédio...

## 47. Conviver fraternalmente

Não posso atribuir-me a perfeição,  
Mas dou de mim no verso com amor.  
Talvez o que apresente ao vir compor  
Pareça surpreendente aos que lerão.

Trabalho com sentido superior  
Os homens noutros vates acharão,  
Porém, lhes peço aqui muita atenção,  
Para entender que verso com vigor.

Gongóricas temáticas misturas  
Ideias muito simples e banais  
Para enfeitar a tarde com tais juras,

Ó coração, que não suportas mais  
Quedar distante dessas criaturas  
Que amas sem sossego e a quem te vais...

## 48. Ouropéis

Sustento que esta rima seja rica,  
Mas tiro a minha mão dessa fogueira.  
Talvez compor melhor o mestre queira,  
Porém, a trova estrago e o verso embica.

Então, vou recorrer à macieira,  
Ao seu vermelho vivo que me enrica  
O texto mais sutil que aqui se aplica,  
Embora sem a eira e sem a beira...

De todos os enfeites que disponho  
Um deles vai servir-me no improviso:  
Ocorre que marejo neste sonho,

Sofrendo por deixar sem bom aviso  
Aquele que me lê e que, risonho,  
Entende que mantenho o meu juízo...

## 49. Sem tensão

Navego pelas águas transparentes,  
Iluminado ainda pelo amor  
Que todos me dedicam, ao compor  
Os versos mais felizes e candentes.

Apenas eu me sinto inferior  
No modo de rimar, pois descontentes  
Ainda vão ficar muitos doentes,  
Que sentem bem mais forte a rude dor.

Alívio aqui não trago a todo o povo,  
Embora chegue à mesa hoje de novo,  
Sem qualquer tensão na rima pobre.

Ocorre que perdoo o desperdício,  
Sabendo que trovar não chega a vício  
E que um soneto a mais é bom que sobre...

## 50. A salvação

Retrato a minha angústia e desfaleço,  
Sabendo tão ruins os versos meus.  
Queria aqui deixar bênçãos de Deus;  
Não sei postar a carta no endereço.

A falha desta trova entre os plebeus  
Se encontra em mui sutil rima do avesso,  
Pois se diverte o gajo, se me esqueço  
E ponho no plural, ao dar-lhe adeus.

São esquisitas, sim, as minhas rimas,  
Mas quero, coração, que te redimas,  
Ao menos no final da pobre peça,

Orando pelo amor dos companheiros,  
Que sabem que esta paz nos faz inteiros,  
Na integridade além do bom à beça...

## 51. Boa disposição

Não penso que terei algum sucesso,  
Se terminar aqui este poema.  
Ocorre que não sei se o bem se emblema  
Em rimas, devagar, conforme peço.

As coisas são demais e o mal me algema  
Às coisas mais fugazes, pois opresso  
Eu trago o coração, neste regresso  
Às lides da cultura, como tema.

A reclamar virei de qualquer jeito,  
Embora, com a trova, seja eleito  
Alguém com seriedade e compostura.

Espero firmemente que o meu verso  
Transforme os meus limites do universo  
E traga para nós a luz mais pura.

## 52. Lágrimas

Convulso pranto encheu-me o coração  
De medo, por cumprir esta tarefa.  
Ao concluir, alguém dirá que blefa  
O vate, por saber falsa a emoção.

No entanto, quando aplico a sinalefa,  
Usando para o metro esta escansão,  
Eu tremo e testemunho que a razão  
Conduz este pensar-multitarefa.

Entendem por que estou impressionado?  
Ocorre que não sei se há luz no verso  
Ou se será aceito ou desprezado.

Porém, o meu intento vem imerso  
Nas águas mais serenas que transnado,  
Sem me afogar em pranto mau, perverso.



### 53. Saída pela tangente

Não passo este rascunho sem temor  
De vê-lo mui perverso, em rima chula.  
O bom amigo que me lê calcula  
Que estou *botando banca* superior.

Não quero aqui gabar-me, mas a bula  
Dos remédios que tomo com rigor  
Informam como devo vir compor  
A trova em que me exponho até à medula.

É certo que preciso melhorar,  
Que devo descrever mais devagar  
As falhas de caráter que me oprimem.

Mas, como ainda não tenho a perfeição,  
Termino este meu verso com um não,  
Querendo que, no fim, os termos rimem.

## 54. Sem luz mas saudável

Não venho lamuriar nesta escritura,  
Mas devo demonstrar que estou bem forte.  
As rimas que componho vêm da morte  
E trazem pensamento mui seguro.

Ocorre que não sei qual é o norte  
Que imprimo já sem luz, pois estruturo  
Um texto sem sentido justo e puro,  
Apenas com palavras deste porte.

Se pensam que sorrio enquanto escrevo,  
Esbarram na mentira desse enlevo  
De desbravar a mente deste autor.

Eu disse estar saudável logo acima,  
Mas nem por isso vou montar a rima  
Apenas no prazer de vir compor.

## 55. Atirei no que vi...

Assumo os meus defeitos mas prometo  
Que irei modificar-me dentro em breve.  
O gajo que me escuta e agora escreve  
Espera que eu termine meu soneto.

O tema poderia ser mais leve,  
Mas como vou dizer que tenho preto  
O coração sofrido e o esqueleto  
A desfazer-se em pó, como se deve?...

Por isso, deixo a norma da poesia  
Levar-me mundo adentro em agonia  
De quem se sabe tolo e sem vergonha.

Mas, como prometi boa melhora,  
A lágrima secou e já não chora  
Aquele que rimou e agora sonha...

## 56. O contador de histórias

Atrevo-me a dizer que estou feliz,  
Pois tenho o dom de vir aqui dispor  
Os metros mais formosos deste amor  
Que sinto pela vida, como eu quis.

Porém, não satisfaço o professor,  
Que quer que o meu soneto mais nutriz  
De alegres esperanças, diretriz  
Que todos vão seguir com muito ardor.

É claro que componho a pobre rima,  
Querendo conquistar a tua estima,  
Ó caro coração dentro do peito!

Exponho-me a contento, um vil mendigo,  
Solicitando a prece que bendigo,  
Pois meu leitor se agrada, se o empreito.

## 57. Sem sofrimento não se vive

Não quero que estas lágrimas que verto  
Estraguem o poema que transmito:  
Não vale deste lado qualquer grito  
Que possa estremecer com tal aperto.

Olhando do futuro p'ro infinito,  
Eu sei que encontrarei melhor acerto  
Para enfeixar nos versos bom enxerto  
De dons e de virtudes, sem conflito.

Agora, aqui, porém, os encarnados  
Precisam sopesar os duros fados  
De quem deve sofrer um dia a morte.

A própria não constrange tanto assim,  
Mas toda criatura tem seu fim:  
Feliz de quem tem luz que o mal conforte...

## 58. O bem

Alheio ao desempenho junto à mesa,  
Dedico os meus sonetos ao leitor.  
Bem sei que meu desejo de compor  
Esbarra em seu anseio por beleza.

Mas tudo o que fizer terá valor,  
Se me esforçar sem muita profundez,  
Porquanto estou pensando nesta empresa  
E devo demonstrar-me superior.

É claro que o poema aperfeiçoa  
A alma que demonstra que a pessoa  
Está enfeitiçada pelo bem.

A luz que tomo do melhor trabalho  
Reponho sem esforço e já não talho  
O pensamento augusto que contém.

## 59. Danadinho...

Espero que meu texto não surpreenda,  
Que seja só mais um dentre os comuns.  
Talvez a minha rima só alguns  
Terão como explorar, que o bem acenda.

Não quero mais ouvir os zunzuns  
Do povo que arrelia quem desvenda  
A alma mais singela desta agenda,  
Sentindo que fará duros jejuns.

O tom bem mais alegre deste dia  
Não pode derrapar, pois não daria  
P'ra refazer os versos nesta hora.

Então, fique este aviso de prudência  
A quantos não se cansam da inferência  
De que tudo que sou na rima aflora...

## 60. Regime espiritual

Elaborar um tema de poesia,  
Em um soneto simples mas honesto,  
Talvez não seja bom, porém, lhe empresto  
Valor e tom de voz, como queria.

É certo e permanente que, de resto,  
Irei chegar ao fim com galhardia,  
Mantendo os sons rimados, todavia,  
Não sei se agradará meu manifesto.

É simples o soneto e traz perfume  
Inebriante até, sem azedume,  
Que profligar os crimes não me atrai.

Bem leve hei de tornar o verso amigo,  
Sabendo que não vão brigar comigo,  
Se alçar meu pensamento para o Pai...



## 61. Preciso...

Não posso duvidar que seja Deus  
Quem tenha prometido a perfeição:  
No ato superior da criação,  
Não quis o Pai perder nenhum dos seus.

Por isso, já não creio que o meu *não*  
Virá a repetir-se, pois ateus  
Não hão de ser meus versos, que o adeus  
Aos sonhos hoje eu dou de coração.

Real e mui concreto, este poema  
Vem resolver de vez o meu dilema,  
Pois toda a minha cisma ele traduz.

Se tenho a compreensão do meu amigo,  
Então eu vou levar sempre comigo  
Os dons do amor do ensino de Jesus.

## 62. Lindo, lindo, lindo...

Maravilhosa ideia me ocorreu,  
Assim que pus no verso a bela rima.  
Queria impressionar com obra-prima,  
Para compor o texto do apogeu.

Mas o bom mestre disse que sublima  
O mal o verso que se quer coreu,  
Pois devo aqui mostrar o que é meu,  
Melhor até do que já fiz acima.

Depois de refletir nas duas quadras,  
Que estão mui longe de cumprir a tese,  
Busquei sonhar sobre sutis almadras,

Mas disse-me a consciência p'ra que reze,  
Pois as ruindades são hostis e ladras,  
Mui lindas e formosas, para a ascese...

### 63. A morte da pombinha

Não tenho mais dizeres especiais  
Nem fórmulas, nem dons, para compor:  
Aspiro simplesmente a ter valor  
Que possa demonstrar como jamais.

Por isso, este meu verso superior,  
Mas longe dos poderes imortais  
Dos que velam por nós, com cabedais  
Da suma perfeição do bem do amor.

Agora que expressei meus sentimentos,  
Mostrando quanto estou maravilhado,  
Preciso reagir contra os tormentos,

Pedindo a Deus a bênção do sagrado,  
Para rimar na trova, nos acentos  
Da prece que aqui disse e que traslado.

## 64. De última hora

Consagro-me à poesia desta feita  
E dito o resultado mau da trova.  
Queria renovar mas não é nova  
A ideia que redijo e não se ajeita.

E vou levando a rima, que desova  
A mente encabulada e contrafeita,  
Porque escolhida foi sem ser eleita,  
P'ra castigar o dom, dando-lhe sova.

Como é que o belo pode prosperar  
Em tema corriqueiro e tão vulgar,  
Sem alma emocionada e paz interna?

Ocorre que este vate titubeia  
E acaba dando forma muito feia  
À luz que pretendia fosse eterna...

## 65. Com conhecimento de causa

Não percebo as mudanças que me atingem,  
Mas noto que meu verso já melhora:  
No breu do sofrimento, não vigora  
A morte cerebral aos que não fingem.

Porém, se sinto a luz que vejo agora  
Iluminar-me o coração, me cingem  
As ânsias deste amor que tingem  
De cores o meu pranto, noite afora.

Perturbo a descrição de um ser feliz  
Que tem tudo na morte, porque quis  
Enaltecer o belo nestas lavras.

Mais alto aqui, no entanto, se mostrou  
O dom do sofredor, em pobre *show*,  
Que os versos, Aprendiz, só escalavras...

## 66. Obtendo alvará de poeta

Preciso acostumar-me com o verso,  
Pois dizem que me dou como poeta:  
A fórmula que emprego já completa  
O ciclo dos poemas mais perverso.

Também, se aqui desando, logo veta  
O atrevimento o mestre que conversa  
E me esclarece a lógica reversa  
Que me legou a trova que a projeta.

Assim, estimulado, aqui fabrico  
O texto onde descrevo a bela fonte  
Em que mato esta sede com o bico.

Quem canta lá na mata e sobre o monte  
Também há de compor, em verso rico,  
A trova que nos abre este horizonte...

## 67. Voo rasante

Abolei-me à cauda do avião  
Que circundava o espaço, temerário.  
Achei tremenda graça, enorme otário,  
E prometi causar-lhe estremeção.

Porém, quando partimos, solitário  
Estava no arremedo da paixão,  
Que os gajos, como todos saberão,  
Exorbitavam senso extraordinário.

Fiquei a ver navios, que a estrepolia  
Levou-me a espatifar-me neste solo.  
Sofrer a tal desdita eu não queria,

E logo me senti em fértil colo,  
Que a mãe tem pelo filho a nostalgia:  
Em sonho tive a queda e me consolo...

## 68. A ave-do-paraíso

Não tenho condições de descrever  
As plumas coloridas nem seu canto,  
Porque não sei quais cores dão-lhe encanto,  
Se é bela e melodiosa em seu poder.

Pensei no paraíso nem sei quanto  
E ali deixei a imagem do dever,  
Pois tudo que aprendi por bem-querer  
Me obriga a derramar honesto pranto.

Pernalta, esguio, me safo pela rima,  
Desconhecendo o mal que deixo atrás,  
Pois creio, ó Coração, que em nobre estima

Irão dizer as preces para a paz  
Que o mundo necessita e não colima,  
Que a vida material é mui voraz...



## 69. Frases

Não devo melhorar muito este verso,  
Que o tema não protege a mão do vate:  
Só na rima o sabor de chocolate  
Demonstra a sensação deste universo.

Preciso, assim, dispor melhor o mate,  
Pois, no xadrez, me empolgo e fico imerso,  
Enquanto, no poema, eu me disperso,  
Buscando uma escansão que o mestre acate.

Desfaço-me da trova e sigo adiante,  
Que o trecho concluído me garante  
Que as coisas já se ajustam nesta esfera.

Depois de martelar a mesma frase  
De forma diferente, eu penso: “Quase  
Me perco no soneto que a encarcera...”

## 70. À espera de um milagre

Resolvo prosseguir compondo trovas,  
Desafiando as rimas mais terríveis.  
Por isso, o pensamento alcança níveis  
Que não imaginei durante as provas.

As quadras que hoje dito são horríveis  
E os versos se repetem desde as covas.  
Queria fossem bons mas não são novas  
As almas que redigem, mais sensíveis.

Por isso é que trabalho com denodo,  
Acreditando ser preciso a rodo  
Trazer sonetos para exp'rimentar-me.

Um dia eu chego lá e dou perfeito  
Um verso trabalhado aqui no eito,  
Da pretensão do mal gentil desarme...

## 71. À sombra dos bons

Queria ter a luz dos mais perfeitos,  
Por isso é que segui meu mestre e amigo.  
Um dia, a praticar muito comigo,  
Falou-me dos melhores, dos eleitos.

Surgiu ao nosso lado — eu já consigo  
Dizer quem era ele — um dos bem-feitos,  
Que abençoou aos dois, sem preconceitos,  
Dizendo que nos punha em bom abrigo.

Eu temeroso estava e me agachei  
Atrás do benfeitor que me ajudava,  
Achando que atraía o fel da lei.

Por isso é que não vi que iluminava  
Tal ente superior, pois, hoje eu sei,  
Da sombra era minh'alma ainda escrava.

## 72. Formalismo poético

Atrevo-me a cantar em verso e prosa  
As minhas alegrias neste plano.  
Talvez não sejam muitas, pois me engano  
Pensando estar feliz, que o dom se dosa...

Com tudo o que acontece eu me engalano,  
Pois sei que o coração transcende e goza,  
Alçando-se ao Senhor, por ser formosa  
A rima que elegi de cunho humano.

Esqueço o sofrimento neste instante  
De glória em que me encontro em meio à luz  
Que desce lá do céu e segue adiante,

Iluminando os homens, pois seduz  
Os que querem o bem e lhes garante  
Que as bênçãos deste amor vêm de Jesus.

### 73. Não espere demais

Atreva-se a cantar, em próprio verso,  
As dores e os amores dessa vida,  
Porém, que seja a rima comedida,  
Sem pieguice nem humor perverso.

Controle-se e tal trova não divida,  
Querendo enfatizar um dom diverso  
Dos que lhe dão à alma um universo  
Apenas seu, uma emoção querida.

Depois de realizar alguns rascunhos,  
Procure nos autores testemunhos  
Do tema que elegeu e que versou.

Talvez o seu sucesso ali se tolha,  
Mas, com amor, retire outra folha  
E escreva novamente, sem dar “show”.

## 74. A poder de memória

Não me amedronta a trova que componho,  
Pois sei que o mestre induz minha escansão.  
O conteúdo, sim, vem da razão;  
A forma irá mostrar-me mais risonho.

Assim, se a rima calco e digo *não*,  
Vou provocar o riso, pois, bisonho,  
Fornecerei as pistas do meu sonho,  
Conforme os prismas puros que se dão...

Esfinge, aqui me posto de improvisado  
E finjo ter as rédeas do comando,  
Pois é do verso o fim a que mais visto.

Agito sem parar mas não desando,  
Que o lucro há de ser grande para o ciso  
De quem sabe entender pavor quejando...

## 75. Deteriorado pelo uso

Lobriço o velho esquema e ponho tento  
Em que devo compor um verso nobre;  
Mas como se hoje estou perdido e pobre,  
O coração em fogo, sem talento?!...

Não me perdi na Terra, pois meu cobre  
Comprou-me o céu em próspero convento;  
Mas tudo quanto fiz agora aumento:  
Por mais que tenha aqui, não há que sobre...

Preciso controlar meu desespero,  
Senão irão pensar que este exagero  
É para causar medo e turbulência.

Não quero escurecer o breu do verso,  
Pois sei que por ser claro é tão perverso  
Que obriga a vergastar minha consciência...

## 76. Cascavel

Reflito sobre a vida e sinto pena  
Daqueles que cresceram ao meu lado.  
Eu sei que todo o mal que hoje arrecado  
É pálida lembrança, mui amena...

E como vou sentir-me reencarnado,  
Pensando que o passado inda me acena  
Com juro de estafermo, pois, terrena,  
Minh'alma há de mostrar-me o triste fado?

Irei serpentear por entre flores,  
Buscar meu alimento material,  
Ou simplesmente devo dar de amores

Aos que quiserem ver-me muito mal?...  
Ajuda-me, Senhor, que sinto as dores  
Da sede do furor que achei normal.



## 77. Profícuo e circunspecto

Bem sei que tenho a boa inspiração  
Do mestre que me apanha este ditado.  
Estou falando aqui do nosso lado,  
Que ao médium simplesmente peço ação.

O professor aprova o tal translado  
E logo me avizinho da escansão;  
Por isso é que hoje evito dizer *não*,  
Pois belo deve ser o resultado.

As rimas vão saindo devagar,  
A ponto de causar-me bem-estar  
Saber que a minha trova se completa.

Talvez não tenha o dom de uma obra-prima,  
Porém, ao terminar, sei que sublima  
O verso o sentimento do poeta.

## 78. Angelical

Não traço muitos planos p'ra poesia  
Nem armo uma escansão dificultosa:  
Arrumo estas palavras, como em prosa,  
E dou-lhes liberdade de harmonia.

Depois que o resultado desta glosa  
Se deixa observar em claro dia,  
Reflito que o refrão melhoraria,  
Se desse mais vigor aos sons que entrosa.

Aí já é bem tarde e o compromisso  
Me alija do trabalho e do serviço,  
Que eu tenho muitas coisas p'ra fazer.

Sorrio ao terminar a trova manca  
E vejo que meu tino mais desanca,  
Por não notar no texto bem-querer...

## 79. Superficial e complexo

Não devo atribuir à inteligência  
As rimas que componho junto à mesa,  
Pois cabe ao sentimento a tal proeza  
De tudo demonstrar para a consciência.

Depois que eu compreender que está acesa  
A lâmpada do amor e da ciência,  
Aí é que analiso a competência,  
Para montar a trova com beleza.

O resultado é pífilo, como sei,  
Pois não domino deste verso a lei,  
Mas vou *botando banca* mesmo assim.

Um dia, com certeza, atinjo a meta  
E alguns vão ler o texto do poeta,  
Orando a melhor prece para mim.

## 80. Jubiloso, exultante...

Preciso demonstrar que estou feliz,  
Ao menos por compor estes poemas.  
Depois devo enfrentar os meus problemas,  
Bem mais sereno à vista do que fiz.

Por isso, não lastimo quando algemas,  
Ó rude coração, minha cerviz,  
Pois sei que fui eu mesmo que assim quis  
Tornar-me bem melhor nos teoremas.

Rubrico esta escansão e dou de mim  
Um pouco mais agora que me aturo,  
Sabendo contornar o que é ruim.

Um dia, um sentimento inda mais puro  
Irá comparecer no verso alfim  
E poderei sorrir da fé seguro.

## 81. Acendrado amor

Não temo perturbar meu caro amigo,  
Dizendo-lhe verdades, muitas vezes.  
Assim, não quero crer sejam soezes  
Os ditos com que aclaro o tal perigo.

São frases e expressões dos portugueses,  
Que têm a língua solta do castigo,  
Porém, não são maldosas, pois comigo  
Se encontram resguardadas por paveses.

Eu quero registrar tal fato agora,  
Porque dentro de pouco irei volver  
Ao plano terrenal, onde vigora

A fórmula do amor, do bem-querer,  
Que deverei ouvir a toda a hora  
Dos lábios de quem tem vital poder...

## 82. O maior prêmio

Se estou mui satisfeito com a glosa,  
Porque tenho notado que melhora,  
Às vezes, por sofrer, ainda choro,  
Ao ver que algum amigo não se entrosa.

É como se acrescenta à água cloro,  
Para limpar a caixa que afofoza.  
É causa de moléstia perigosa,  
Vir provocar no verso mal sonoro.

Mas, quando estou alegre e aqui componho,  
Julgando que estou bem em cada rima,  
Prevejo que o leitor se põe risonho

E o mestre já demonstra a sua estima.  
Assim, ao acordar do belo sonho,  
A trova ainda me diz que o bem sublima...

### 83. A armadilha

Estendo a minha teia, nesta trova,  
Para apanhar amigos pelo amor.  
Por isso é que me esforço ao vir compor,  
Temendo as dores todas lá da cova.

Por mais que sofra aqui duro labor,  
Os versos se amesquinham com a sova,  
Pois torno a minha rima velha nova,  
Na aspiração do bem e do valor.

Aí quem é que cai na dita teia?  
Apenas o poeta, que permeia  
Lamúrias e sorrisos, com afinco.

Quisera que meu verso fosse curto,  
Porquanto, em sendo longo, eu não me furto  
A vir dar de sabido, enquanto brinco...

## 84. Babalorixá

Importa ter um nome diferente  
Daqueles que se põe no espiritismo?  
Será questão apenas de batismo  
Ou fica o nosso peito mais descrente?

É claro que as funções com que não cismo  
Estão bem vivas quando o gajo sente  
Que existe diferença, mas, contente,  
Não se atrapalha já com ocultismo...

É claro que as virtudes são maiores,  
Se o bem que se destaca prevalece  
Na busca de tornarem-se melhores

Aqueles que praticam nossas normas,  
Levados a rezar do Cristo a prece,  
Enquanto ainda são poucas as reformas.



## 85. Uma súplica simplória

Não vejo como ater-me ao verso amável,  
Que torna mais feliz o bom leitor.  
O quanto necessito aqui compor  
Pretendo seja logo descartável.

Por isso é que estas rimas de louvor  
Não chegam a causar um bem estável.  
No máximo, o que deixam lacerável,  
Nas intenções, é o mal do gozador.

Aplico-me na forma, mais ou menos,  
Porquanto o conteúdo desanima.  
Entendo que aos leitores mais serenos

Meu sentimento rude não sublima  
O quanto de grosseiros, vis venenos,  
Destilo nestas trovas, sem estima...

## 86. Fidelíssimo

Arvoro conhecer o melhor metro,  
Mas passo pela rima mais pernetta.  
Ao médium peço que não se intrometa,  
Porquanto ao rei se dá coroa e cetro.

As coisas hoje correm sem que a peta  
Exija do leitor um *vade retro*,  
Pois a verdade é tudo que perpetro,  
Ao ser fiel às dores do capeta...

Por isso é que pleiteio o teu amor,  
Ó bem amado e lúcido leitor,  
Em forma de oração dentro do peito.

Os meus amigos dizem que o sofrer  
Tem lenitivo, sim, se o bem-querer  
Obriga aos sacrifícios do respeito.

## 87. Hagiolatria condenável

Quem traz no coração a fé divina  
Não pode idolatrar qualquer pessoa:  
Por mais que seja ela um'alma boa,  
Também está formada na doutrina.

Os santos são exemplos, como voa  
O pássaro no céu, que dissemina  
Alegres pensamentos, pois domina  
A região aérea, a qual povoa.

Por isso é que tememos demonstrar  
Que existem certos seres no lugar  
Capazes de compor versos sublimes.

Quem tece esta poesia tem um mérito:  
O de falar da dor já no pretérito,  
Ao ministrar mais fé nestes regimes.

## 88. Persuasivo até certo ponto

Não troco figurinhas com o médium,  
Que fica extasiado com meu verso.  
Se digo, aqui, porém, que sou perverso,  
Pretende ministrar-me bom remédio.

E qual a mistureba com que terço  
Pela doutrina sã sem vil assédio?  
Misturo esta esperança de que o tédio  
Agora se desfaz e vai disperso.

Depois de algumas trovas junto à mesa,  
Provando-me capaz de tal proeza,  
Atiro-me nos livros da doutrina;

E faço com que a rima se aproveite  
Dos dons das tais virtudes e deleite  
O bom leitor audaz, que se ilumina...

## 89. Refinamento vocabular

Distância equivalente entre os mortais  
E aqueles que daqui tecem poesias,  
São dúbias posições, são alegrias,  
Que não se medem nunca por meus ais.

Embora tu solfejes e te rias  
Das trovas que disponho sempre mais,  
Ó coração tremente, eu sei que vais  
Elaborar mais versos como guias.

Assim, se trovo ainda sem motivo  
Que justifique rima tão banal,  
Precisam os leitores que cativo

Eliminar dos versos todo o mal,  
Purificando a trova, pois é vivo  
O sentimento d'alma, e natural.

## 90. Não me sinto esquecido

Não venho azucrinar tua paciência,  
Ó companheiro médium e escrevente:  
Bem sei que a minha obra se ressentir  
De tema superior e de ciência.

Mas tudo quanto escrevo o gajo sente  
De forma tão benigna que a existência  
Se torna apreciável e a cadência  
Demonstra que me agito levemente.

Mas sou trazido, sim, por companheiros  
Que sabem que medito enquanto escrevo,  
Buscando haurir do belo de terceiros,

Pois ser original não sei se devo,  
À vista dos percalços costumeiros,  
Se tento dar ao texto algum relevo...

## 91. Sons que se repetem

Estudo as rimas todas que hoje emprego  
E vejo que as repito, uma a uma.  
Talvez, se em prosa desse rica suma,  
Não passaria aqui por surdo ou cego.

Assim como componho, espalho espuma,  
Que se desfaz no ar, enquanto rego,  
Com lágrimas sofridas, o meu *ego*,  
Que ao verso torpe já não se acostuma.

De qualquer forma a trova ganha brio,  
Ao menos quanto aos sons que aí disponho,  
Porquanto dos melhores eu recrio

Os textos mais bonitos, que, bisonho,  
Declaro copiar — mas não copio —,  
Embora o tema nasça sempre inconho...

## 92. Trabalho de fôlego

Por mais que seja simples minha trova,  
Está bem mais além do que eu fazia.  
Na vida, andava solto, na folia  
Dos gozos e prazeres, casanova...

Depois que aqui cheguei, eu vi-me em fria:  
A coisa que hoje enfrento, sempre nova,  
Que estou tão defasado só comprova  
E põe-me a orelha em pé, sem harmonia.

Por isso é que me exponho e dito a norma  
Aos que se atrevem a pensar errado,  
Que foi como pensei, na velha forma.

Se venho estruturar este soneto  
E busco dar-lhe brilho e não me agrado,  
Confesso que fiquei co' o mico-preto...



### 93. Firmeza e estabilidade

Não troco figurinhas com o médium  
E vou dizendo logo por que vim:  
Eu quero que se reze mais por mim,  
P'ra que receba a alma o seu remédio.

Aí irão dizer que a trova, enfim,  
Apenas desconcerta quanto ao tédio  
E representa, ainda, forte assédio  
Na rima repetida, em som ruim...

Enquanto as costas doem pelo castigo  
Dos males que hoje aponto, tão perverso,  
Avanço impunemente e já bendigo

A luz que deposito em cada verso,  
Ideia que me traz junto ao perigo  
De ver-me verme tolo em cova imerso...

## 94. Adepto da verdade

Não sinto muita força em minha prece,  
Porque não sei dizê-la emocionado.  
O bem que dessas bênçãos arrecado  
Está na forma leve que aparece.

Eu digo em relação ao verso alado  
Que solto ao vento e logo o povo esquece,  
Porém, a perfeição me favorece,  
Porquanto a trova jaz pronto de lado...

Apenas a leitura é que lhes peço,  
Que é modo de me honrar neste momento,  
Sabendo mui difícil ser impresso.

Um pensamento bom, um sentimento  
De amor e compaixão por este egresso  
É tudo quanto quero, quanto aguento.

## 95. Razões para crescer

Espero que o meu tema seja leve,  
Que eu possa descansar daqui a pouco;  
No entanto, a minha rima deixa louco  
O pobre que me ajuda como deve...

A voz que o gajo escuta tem som rouco,  
Enquanto o acento agudo fica breve,  
Na notação latina, que o almocreve  
Se atreve a vir grafar junto ao cavouco.

Depois que dito a trova, me aborreço,  
Pensando no que fiz sem muita vida,  
Iluminado apenas do arremesso

Que burilei no espaço e dei guarida  
No coração feliz, lá no começo.  
Mas vejo que a ditei quase garrida...

## 96. O pó do caminho

O que levanta o pó no meu caminho?  
Os passos dos colegas lá na frente.  
São muitos e nos dizem p'ra que aguento  
Aquele que inda sofre seu pouquinho.

Mas tudo tem seu dia diferente:  
É quando de um parceiro me avizinho  
E peço que me diga se, sozinho,  
Alguém consegue arcar co'a dor que sente.

Eu penso que retardo a caminhada  
De tão gentil pessoa, que me explica  
Que logo encontrarei um camarada

Que irá seguir comigo, tanto é rica  
A fonte da amizade, o que me agrada,  
Pois tenho a minha rima da rubrica.

## 97. Significado e poesia

Pretendo melhorar meu desempenho  
E fornecer aos leigos contributo,  
Mas não a quem hesita, a quem, astuto,  
Caminha lá na frente, enquanto venho...

Agora que mostrei que mais eu luto,  
Fechando p'ra alegria o duro cenho,  
Irão imaginar que o mal retenho,  
Que o bem, nesta poesia, é que desfruto...

Ocorre que mantenho a mesma verve  
De quanto bom poeta aqui conserve  
Antigos ideais em velhas formas.

Porém, devo pensar que o meu leitor  
Deseja descobrir que tem valor,  
Por meio dos exames dessas normas.

## 98. Flagrante desrespeito

Encaro as normas da poesia e digo  
Que são limitadoras do ideal,  
Mas quando escrevo aqui, e escrevo mal,  
Procuro estimular, mas não consigo.

Eu falo só de mim, que é natural  
Desconhecer os outros, se maldigo  
A forma tão perfeita com que o trigo  
Fornece o pão a todos — carnaval.

Assim, vou descrevendo esta inquietude  
E vou deixando claro que a virtude  
Apenas se pratica quando é boa

A fórmula do bem, que a faz querida,  
O que sofre mudanças inda em vida  
E faz crescer o ânimo à pessoa...

## 99. Força moral

Preciso consagrar-me ao metro antigo,  
Pois dá mais segurança o resultado.  
Por isso é que esta rima retrogrado  
E ponho-me à vontade mais comigo.

É claro que me exponho e não me enfado  
Que o texto resultante do castigo  
Irá trazer um ganho ao doce amigo  
Que me ajudar a difundir tal brado.

É forte esta moral e nobre a tese  
De que disponho o amor em rica rima,  
Porém, o mestre quer que se reveze

A turma dos alunos, pois estima  
Que a trova mais formosa leva à ascese  
A quem pratica o bem e a dor sublima.

## 100. Oferta pessoal

Não primo pela rima mais simpática  
Nem dou de mim de forma contundente,  
Mas sei que o tema exige desta gente  
Que o vate tenha brio, luz e didática.

Renovo, assim, meu tom constantemente,  
Seguindo a sisudez desta gramática  
De forma pouco audaz e pouco prática,  
Tornando bem fraquinho o que se sente.

E o verso ganha foros de verdade,  
Se chega cadenciado, em rica rima,  
Pois tudo que hoje emprego persuade

Que tenho pelo verso grande estima,  
No entanto, quando existe quantidade,  
O fim, sem chave d'ouro, se aproxima...



## 101. Em forma de parábola

Um dia, o fofo linho se espantou  
De ver a maciez da leve pena.  
Achou que não cabia mais na cena  
E, cabisbaixo e triste, se apartou.

“Querido, não desprezes mais a arena  
Em que terçamos armas, rude *show*.”  
O pobre ouviu a voz e então chorou:  
“Bem vejo que este orgulho me envenena.

Não vou mais reclamar da minha sina,  
Pois posso usufruir de boa sorte,  
Que a luta pelo bem também ensina.”

Foi quando doce voz, de acento forte,  
Pregou a paz na Terra e a disciplina:  
“O coração dos bons sabe o seu norte!”

## 102. Sentimento do belo

Eu sei que a tal palavra é *estesia*,  
Que devo mencionar, conforme a rima.  
E soa muito bem e já sublima  
A condição da dor que me afligia.

Ocorre que não dou para obra-prima  
E vou levando o texto em nostalgia  
Do enlevo que gozava e que sentia,  
Ao ler e interpretar na pantomima.

Agora uma lição deve restar  
Da trova, embora esteja muito fraca:  
É como a luz que torna a noite opaca.

Se houvesse sol aqui neste lugar,  
Aposto que era a sombra o tema eleito,  
Pois é preciso um dom que eu não suspeito.

### 103. Faculdades e retórica

Não penso que inda esteja mui distante  
O tempo de encerrar minha jornada.  
Agora esta poesia é quase nada;  
Mais tarde há de valer um diamante.

Emprego o meu talento e se degrada  
O texto que criei, embora adiante  
A trova em mais um verso, tão pedante  
Que a turma aqui segura a gargalhada...

É claro que me estimo e tenho brio,  
Que sinto estar honrado junto à mesa,  
Embora me perpassse um calafrio...

Eu gosto deste feito, que a proeza  
Eleva o meu astral, pois desafio  
As normas da poesia e da beleza.

## 104. Lucros incessantes

Não peço pelo tema em pobre rima,  
Mas peço pela rima em nobre tema:  
Embora a diretriz cause problema,  
O tronco da doutrina mais me anima.

Ocorre que não vou mostrar suprema  
Desenvoltura e luz que o mal sublima.  
Apenas vou dizer que tenho a estima  
De algum leitor perdido, o que me algema.

Se após milhões de versos eu me veja  
Cercado de uns amigos pelas trovas,  
Graças darei ao Pai quanto à peleja.

Por ora, vou trazendo esta alegria,  
Que sempre, ó coração, tu me renovas,  
Ao dar co' a chave de ouro que nos guia...

## 105. O alfarrábio

Estranhei que o bem houvesse  
Resistido nas palavras,  
Em formato dum as lavras  
De alfarrábio que se esquece...

Ó coração, que azinhavras  
O livro que ali padece,  
Por que não ergues a prece  
Em vez do dom que escalavras?!...

O meu texto terminei,  
Cumprindo a mais nobre lei,  
Mas isto foi há mil anos.

Hoje encontrei o alfarrábio,  
Que me pareceu de um sábio,  
O maior dentre os humanos...

## 106. Espantando o Belzebu

A lírica do verso que hoje escrevo  
Não cabe na emoção que me arrebatá,  
Por isso é que dos termos ando à cata,  
Embora perguntando o quanto devo.

Os nós da minha escrita o amor desata,  
Pois firo o preconceito e mais me atrevo,  
Deixando o meu parceiro sem enlevo,  
Apenas no resguardo da bravata.

Então os meus leitores vão embora,  
Sabendo que este vate ainda chora  
O pranto mais sentido e mais profundo...

O Belzebu, contudo, mais se anima,  
Pois sabe que me perco nesta rima:  
No fim acaba em lágrimas, jucundo...

## 107. Nem simples nem direto

Não gosto de escrever com tal clareza  
Que logo se desperte para a dor.  
No entanto, como ser superior,  
Se tudo se desfaz junto a esta mesa?!...

Estimo que me ajudem a compor  
Milhares de parceiros — que proeza!  
Ocorre que esta história de beleza  
Existe desde sempre, em seu valor.

Desminto neste verso o pensamento  
E dou por encerrada a dócil obra,  
Pois mais do que um terceto não aguento...

Mas o meu mestre amigo se desdobra  
E põe sob meus olhos o argumento  
De que o veneno não destrói a cobra...

## 108. Falando mal da vida alheia

Não queira surpreender o mau poeta,  
Ao aspirar o encontro desse vício.  
Não leia pelo título, que o início  
Não pode dar ideia tão completa.

É de você que falo, ó estropício,  
Que toda ideia boa risca e veta,  
Porque não se conforma que um esteta  
Componha livremente este exercício.

Compreenda, por favor, que tenho gana  
De aqui deixar o belo recheado  
De teses doutrinárias, pois humana

É sempre a pretensão de ser de agrado:  
Se a fórmula do verso se engalana,  
É certo que também não retrogrado.



## 109. A candeia

Pretendo iluminar co'a minha rima  
A estrada do leitor que me acompanha,  
No entanto, esta emoção é tal, tamanha,  
Que acabo perturbando este bom clima.

Então, componho versos e se acanha  
O pobre que me lê e não se anima,  
Achando que o que faço mais vitima  
A trova tão confusa e tão tacanha.

Outrora eu me sentia bom poeta  
Apenas por montar certos esquemas,  
Jogando co'as palavras que hoje veta

O mestre que me assiste e me consola.  
Ó coração, eu sei que não me algemas,  
Mas, por favor, conforta este que chora...

## 110. Meu senso crítico

Não tenho de dizer como me sinto,  
Mas tudo quanto escrevo leva a isso.  
É sério quando existe o compromisso  
De me deixar levar só pelo instinto.

Assim, a rima presta o seu serviço  
Apenas comungando, quando pinto  
As sensações de dor, por ser retinto  
O verso que componho, mesmo omisso.

As rimas sempre em i são mais agudas,  
De forma, coração, que hoje me acudas,  
Facilitando a trova dessa forma.

As rimas se esparramam, quando aberto  
Eu deixo o som e mostro quanto acerto,  
Ao vir trazer as luzes de tal norma...

## 111. Consagrado ao amor

Não verto muita luz no meu poema,  
Porque me falta a mim, que estou no escuro.  
Mas tenho um pensamento muito puro,  
E vejo com clareza o meu problema.

Se faço algo importante, eu logo juro  
Que vou passar aos outros tal esquema;  
Mas se a dificuldade for suprema,  
Contorno a falha minha, mais seguro.

Assim é que este verso se apresenta,  
De forma bem sucinta e resumida,  
Trazendo um conteúdo que se alenta

Pela presença muda desta lida,  
Que exige bom trabalho e se acrescenta  
Das luzes que recolho de vencida.

## 112. Receitas e despesas

Atribuo ao valor da minha rima  
O mérito das trovas que componho.  
Não sei deixar um verso mais risonho,  
Mas busco conquistar a sua estima.

Poemas que se esperam, com que sonho,  
Deixados sem a luz que o bem arrima,  
Não chegam ao seu fim, pois desanima  
O vate que os fabrica tão bisonho.

Assim, vamos chegando ao verso d'ouro  
Que abriga a chave do mistério vago  
De quem apenas tenta, sem desdouro,

Montar algum soneto, como eu trago,  
Sem dons e sem primores de tesouro  
Moral ou material, pois este eu pago.

### 113. Negócio fechado

Não quero perturbar o nobre amigo  
Que busca compreender nossa doutrina,  
Mas digo que ela exige disciplina,  
O que meu mestre faz também comigo.

Se o verso que componho já se inclina  
Por algo bem melhor, por seu castigo,  
Assim vou revelar que já me abrigo  
Dos males do imprevisto e da endorfina.

Sossego, calma e muita paz,  
Na zona em que trabalho com amor:  
Procuro melhorar, pois sou capaz

De demonstrar orgulho superior,  
Não desses de quem se acha mais sagaz;  
Daqueles que permite o Bom Pastor.

## 114. Água de beber

Quisera ter a força duplicada,  
Ao redigir os versos que castigo;  
Mas trago tanta dor aqui comigo  
Que a lágrima que choro é quase nada.

Assim, por entre o pranto, já bendigo  
A trova que componho e que me agrada,  
Que os sons não se atropelam, posto aguada  
Esteja a rima presa ao modo antigo.

Sedento, o caro amigo que me lê  
Ainda sente o hálito do amor,  
Na prece que recita sem porquê.

Às vezes, o sentir nos causa dor,  
Enquanto aqui brincamos com você,  
Na ânsia de agradar Nosso Senhor...

## 115. Ao sol da verdade

Pareço transigir com os maus versos?  
É que não tenho agora minhas rimas.  
Não quero aqui compor só obras-primas;  
Também não vou mostrar só dons perversos.

Sou médio e companheiro, se me estimas,  
Amigo meu leitor, que tem imersos  
Os sentimentos bons, incontroversos,  
Nas chamas da bondade em que te animas.

Não faço por maldade este poema  
Repleto de figuras compreensíveis,  
Pois sei que o devem ler todos os níveis.

Apenas, favoreço que o sistema  
Atenda as pretensões do bom amigo  
Que reza sob a luz do bem comigo.

## 116. Otimismo sob controle

Quem quer compor um verso bem bacana,  
Exagerando um pouco o próprio dom,  
Alcançará fazer algo de bom,  
Se avaliar toda a fraqueza humana.

Talvez não fique justo e belo o som,  
Pois nosso ouvido às vezes mui se engana;  
Então, o pensamento se engalana  
E leva para a rima o melhor tom.

Tudo o que trago aqui é verdadeiro:  
É só contar as sílabas primeiro,  
Examinando as pausas deste metro.

Por que não calaria alguma ideia  
Que ofendesse a turma da assembleia,  
Se apenas desejasse o nobre cetro?



## 117. A natureza

Não sei se é natural compor poesias,  
Tornando o tema alegre e deleitável,  
Mas venho aqui expor, de modo afável,  
A dúvida que trago há vários dias.

Eu sei que existe fórmula agradável  
De se aplicarem forças e energias,  
Mas, caro coração, o que querias  
Que aqui fizesse um vate deplorável?!...

No entanto, vou deixando um rastro amigo  
De quem avisa os trancos do perigo  
Da caminhada trôpega, insegura.

Ocorre que esta estrada tem ciladas  
Que tu irás saber que são armadas  
Na pretensão de auxiliar a cura...

## 118. Arrebatado pelas ideias

Não venho questionar o bom amigo  
Que se atrever a dar um parecer  
Respeito a este serviço e ao dever  
Que cumpre o mau poeta sem castigo.

Reverto a informação, pois meu poder  
É quase permanente neste abrigo  
De fórmulas e métricas, perigo  
Que vou vencer agora a bel-prazer.

Ateio a chama forte da virtude  
E peço a quem não tem que mais estude  
Os temas da doutrina espiritista.

Amar a Jesus Cristo não é tudo,  
Mas digo que sem esse amor não mudo  
A condição de ser feliz o artista...

## 119. Vertentes da fé

Não creio que meu verso lhe desperte  
Os vezos da alegria deste mundo,  
Porém, como hoje tenho um dom profundo,  
Não posso contentar-me estando inerte.

Bem sei que a compaixão com que confundo  
A mente atribulada mas solerte  
Me faz discriminar quem mais acerte,  
Valendo-me de um verso vagabundo...

Não quero estipular qualquer verdade  
Que o medo de falhar minh'alma invade;  
Por isso, dito a rima explicativa.

Bem sei que trago a dor no compromisso  
De vir prestar-lhe, amigo, um bom serviço,  
De sorte que esta trova sobreviva.

## 120. Concórdia

Afeito a vir compor um simples verso,  
Não trago o coração muito dorido;  
Por isso, com o tema sei que lido  
De modo artesanal, quase perverso.

Repito a velha rima e não duvido  
Que o faça sem cuidado, mui imerso  
Nas dúvidas atrozes do universo,  
Que o bem desta proposta aqui divido.

Antigamente, eu punha mais vontade,  
Querendo mais artístico o poema.  
Agora que esta paz minh'alma invade,

Não vejo na razão nenhum problema.  
Então, peço a Jesus a caridade  
De dar-me alguma luz, brandura extrema...

Indaiatuba, de 19.11.01 a 23.05.02